



Ativismo de Sofá: O Movimento Feminista no Facebook¹

Ligyane Tavares dos Reis¹
Elaize Eduarda Macena da Silva Alves²
Profa. Camila Loureiro³

Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte, Natal, RN
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Neste artigo, pretendemos analisar um novo espaço de interação coletiva, interconectados no ciberespaço, que estão dando sentido às atuais formas de comunicação, relacionamento e sociabilidade. A comunidade virtual, especificamente a *fan page*⁴ do Blog Ativismo de Sofá, imersa numa ampla rede social que é o Facebook, tem se tornado um verdadeiro desafio para nossa compreensão. A partir disso, buscamos entender melhor a atividade desse coletivo, com nítidas aspirações nas novas concepções do ciberativismo, mas inspiradas também nas tradicionais ideologias do movimento feminista. Discutimos ainda como seus comportamentos e ideias se propagam e como estas mensagens navegam de um ponto a outro do planeta.

Palavras-chave

Ciberespaço; Ciberativismo; Comunidade Virtual; Rede Virtual; Feminismo.

Introdução

A atual interconexão generalizada, entre as pessoas no ciberespaço, tem despertado o interesse de muitos estudiosos sobre seus efeitos, tanto nas relações individuais quanto na forma de atuação coletiva. Deste modo, observamos que os usuários em rede *online* trocam e compartilham idéias de forma fluída e aberta, enquanto seus interesses forem os mesmos ou semelhantes.

Hoje, o mais comum seria associarmos a palavra rede ao ciberespaço, à tecnologia e as relações sociais. Lévy (1999) geralmente emprega “rede” para indicar a infra-estrutura tecnológica, a interconexão entre computadores, enfim, os aspectos físicos que permitem às pessoas se encontrarem e se relacionarem no espaço *online*. Por sua vez, o autor ao se referir às relações humanas, emprega o termo “comunidade virtual”. Outros teóricos, diferentemente, referem-se às mesmas relações como sendo redes sociais *online*, exemplo de não concordância de conceitos e expressões.

¹ Aluna líder do grupo e estudante do 7º Período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da ESTÁCIO FATERN, email: ligyane_20@hotmail.com

² Estudante do 6º Período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da UFRN, e-mail: elaize_duda@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da FATERN, email: amiaaa@hotmail.com

⁴ Interface específica do Facebook para a divulgação e interação de uma empresa, marca ou produto com seus seguidores.



Em meio a todo este alvoroço no ciberespaço, pretendemos analisar as atividades, os comportamentos e as ideias de uma comunidade virtual particular, a *fan page* do Blog Ativismo de Sofá. Tais coletivos imersos no conglomerado de vasta rede social como o Facebook vem confirmando aspirações ideológicas de ordem feminista. Portanto, evidenciam um posicionamento político *online* de defesa da liberdade e da igualdade, incorporando assim a noção de ciberativismo.

Comunidades, redes e a criação de laços

Uma área do estudo que intensifica a relação do homem com tecnologias da informação e da comunicação, e promove na sociedade contemporânea, novas práticas comunicacionais: é a cibercultura. Nas palavras de Lévy (1999. p.17), cibercultura é “o conjunto de atitudes, técnicas, práticas, modos de pensamento e valores desenvolvidos junto com o ciberespaço”. Já o prefixo “*cyber*” vem do grego, significando “controle”, como aborda Kellner (2001). Seu entendimento, portanto, se relaciona com termos ligados ao domínio da computação e das “máquinas inteligentes” (CASCAIS, 2001).

A transformação tecnológica, segundo Castells (2008), atribui diferentes características à comunicação que irá mexer com os referenciais da cultura, visto que comunicação e cultura têm um vínculo intrínseco de atrelamento:

Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, às próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (CASTELLS, 2008, p. 414.)

A cultura consiste, portanto, fundamentalmente nos processos de comunicação. E na contemporaneidade, a sociedade passa novamente por mais uma transformação tecnológica de dimensões históricas, por integrar vários modos de comunicação (escrita, oral e audiovisual), numa rede interativa.

Nesse ambiente, a conexão é generalizada, se desenvolvendo, portanto de forma onipresente em um processo de territorialização e desterritorialização (DELEUZE E GATTARI, 1997). Nessa perspectiva, o espaço é desterritorializante, fluido, aberto, navegável, o que possibilita nesse local indefinido, várias possibilidades de transformações, interações, e acesso a informações. Se antes estas ações estavam localizadas em fronteiras geográficas, hoje extrapolam o local, se conectam ao global, e, ao mesmo tempo, retornam ao regional por meio da virtualidade digital (CASTELLS,



2003). A partir da digitalização da informação, novos espaços são configurados e potencializados dentro do ambiente virtual, como a exemplo, o ciberespaço.

Encontramos, assim, nas palavras de Willian Gibson o ciberespaço definido como “uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar pra onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica pra trás”. (2003, p. 5-6). Guimarães Jr. (1999), também define o ciberespaço como um fenômeno que ultrapassa a comunicação plena em sua função de transmitir informações, descrevendo-o:

Mais do que um espaço de comunicação, oferece suporte a um espaço simbólico que desencadeia repertórios de atividades de caráter societário, tornando-se palco de práticas e representações dos diferentes grupos que o habitam. (ibid. p. 113).

A partir do ciberespaço, se desenvolve um novo campo de possibilidades criativas, interativas, de comunicação e de sociabilidade. Isto se deve algumas de suas características basilares: a descentralidade, o caráter distributivo, a expansão ilimitada e a multidirecionalidade.

O desenvolvimento do ciberespaço ainda favorece o movimento da virtualização. No entanto, Lévy (1996) acredita que é irrelevante tentar diferenciar o que ocorre no mundo real e na internet. Uma vez que, desde o início, o virtual já existia em potência, apenas não em ato, portanto, nunca se opôs ao real. Ele afirma que o virtual é mediado ou potencializado pelas tecnologias, portanto é produto de exteriorização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos. Nesse sentido, tanto o real quanto o virtual, são conceitos que se sustentam intrinsecamente devido ao crescente uso da internet. Mas apropriamo-nos da seguinte definição do virtual, como:

Espaço de interação e comunicação entre as pessoas, intermediado pela interconexão das redes de computadores, no qual as informações comunicadas são de natureza digital e as relações desembocam no virtual (LÉVY, 1999, p. 92-93).

Além da virtualidade e da interconexão generalizada, outro princípio que orienta o crescimento do ciberespaço são as comunidades virtuais, e posteriormente pelas redes sociais online. Mas antes é necessário compreendermos o sentido universal da palavra comunidade, como sendo: um espaço de compartilhamento de interesses em comum e



com valores definidos, a partir das relações sociais oriundas da estrutura de sociedade enquanto espaço físico.

Foi apenas a partir da ascensão do ciberespaço que os usuários passaram a formar comunidades virtuais. Para Lévy (1999, p.127), uma “comunidade virtual é construída sobre afinidade de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou troca”, independente das proximidades físicas as filiações institucionais.

Por sua vez, a concepção de rede converge para o campo do ciberespaço, ao incorporar o sentido das relações sociais *online*. Segundo Souza (2008) as pessoas e organizações que compartilham valores e interesses em comuns, conectadas por um ou vários tipos de relações, é que compõem as redes sociais. Dentro da rede social é que o usuário vai expressar sua individualidade e definir quais pessoas ou grupos farão parte da sua rede de relacionamentos. Tais coletivos possuem as características de ser: fluido, descentralizado, aberto, distributivo e dinâmico.

A partir da proposta de Recuero (2009), tentamos compreender as diferenças entre comunidade virtual e rede social online. Para autora, nas comunidades virtuais, há interações cooperativas e os laços são fortes entre os seus membros. Já a interação nas redes sociais acontece de acordo com as características já apresentadas, que são: fluidas, multidirecionais e ilimitadas. Recuero defende a formação de uma comunidade em redes sociais que são mantidas por laços fortes, tendo ao redor dela os laços fracos, composta por integrantes que podem constituir o grupo ou não. Assim, podemos considerar as redes sociais online como uma ampliação das comunidades virtuais. Deste modo, situamos a comunidade virtual dentro de uma rede social no ciberespaço, na qual podemos encontrar cooperação de uma forma dispersa, devido aos laços fracos e fortes que a sustentam. Castells também ajuda a ampliar a assimilação de comunidades virtuais:

Assim, no final das contas, as comunidades virtuais, são comunidades reais? Sim e não. São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém, não são “irreais”, funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada.” (p. 445-446).



Os laços fracos defendidos por Granovetter (1973), é que configura o termo rede social, visto que a sua importância se sustenta na interação com outros grupos. Sem os laços fracos, as informações são limitadas, restringem-se ao convívio de um único meio e é servindo de transporte da informação que os laços fracos são vitais na integração dos indivíduos no ciberespaço.

A partir dos estudos de Castells (2008) e de Mark Granovetter (1973), os conceitos de laços fortes e laços fracos são analisados como componentes das redes sociais. E, para o crescimento dos laços fracos, acrescentam-se as já definidas comunidades virtuais de Castells.

A rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fortalecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto off-line, quanto *online*, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-conhecimento. (CASTELLS, 2008, p.445).

Da mesma forma, sugeriu Pierre Lévy (1999), quando afirmou que a internet tem promovido a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um são desenvolvidas e ampliadas de maneira recíproca. As novas tecnologias da informação vêm desempenhando ambientes significativos que vêm resultando na articulação, encontros e mobilizações dos movimentos sociais no Brasil.

Ciberativismo como alternativa ao tradicional

Partindo de um conceito geral, definimos o ciberativismo como a presença de ativismo político na internet (MCCAUGHEY; AYERS, 2003). Hoje a internet não é só um meio e uma ferramenta, mas também um espaço social. Nesta rede, são articuladas ações que facilitam o contato, promovem a mobilidade e a união de um pensamento individual compartilhado com um grupo de interesse semelhante. Dessa maneira, notamos as modificações presentes na estrutura e operação dos movimentos sociais e das demais ações coletivas, a partir da assimilação das concepções de comunidades virtuais e redes sociais online.



Também chamado de ativismo digital ou *online*, as formas que o ciberativismo incorpora tem estratégias para alcance dentro e fora da rede. O espaço virtual é um meio de discussão e reunião a fim de difundir, informar, reivindicar, buscando o apoio e integração social em prol de uma causa. Portanto, há troca de informações para que o que foi definido *online* possa ter repercussões também *offline*. Apenas sua base de atuação se forma *online*. De forma conceitual, Ugarte esclarece que o ciberativismo:

É toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do ‘boca a boca’ multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal” (2007, p. 77).

Nessa visão, vê-se o ciberativismo como uma ação e uma estratégia. Assim, a publicação que se faz em rede é compartilhada com amigos e grupos de interesses. Esta militância tem a intenção de ultrapassar e alcançar outras pessoas, outros meios, gerar um debate social de algo que antes não estava sendo difundido, não era conhecido.

O ciberespaço é cada vez mais necessário, pois, é nele que as relações sociais fogem do convencional e não se limitam às mídias tradicionais ou ao espaço físico, garantindo uma rápida comunicação e interação entre diferentes grupos. Diversas frentes já perceberam como esta ferramenta tem sido essencial para sua organização e interatividade social. O feminismo, movimento escolhido como objeto de estudo deste artigo, também vem demarcando o seu território dentro desse contexto de militância virtual.

Nessa cultura participativa marcada pelo ciberativismo, há uma ampliação da atuação o que permite: uma visibilidade pública, uma difusão e uma reconfiguração da informação. A interatividade possibilita o engajamento, a rearticulação de laços, a conquista de novos integrantes, e por fim um grupo de comum pensamento. Por ser a internet esse espaço livre (de ideias, páginas, blogs, sites), propaga um conteúdo que leva a uma reação culminando no combate de um determinado assunto.

O ciberativismo congrega e solidifica esse espaço como ferramenta de mobilização, deixando notório como a internet auxilia na militância do movimento feminista. Nesse contexto, Castells fala especificamente da importância dos movimentos sociais na Era da informação:



Há uma luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade, é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico (...). O que caracteriza os movimentos sociais na sociedade em rede é que eles têm de preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas, herdadas da Era Industrial. (CASTELLS, 2003, p. 116).

A perspectiva abordada por Castells enfatiza os movimentos sociais da sociedade em rede. Para o autor, há uma necessidade de apoiar esses grupos como uma forma de impulsionar ações fora do seu eixo; com interesses e identidades representadas, o agir global entra no nível de fazer emergir.

O movimento feminista nas redes sociais

Em nossa sociedade é promovido o conceito que todos somos iguais perante a lei. Na prática, as mulheres estão longe de estar em condição de igualdade. O movimento feminista, como resposta a essa invisibilidade da mulher, começou a reivindicar por direitos iguais. Se hoje é possível debater o sexismo⁵ e sua linguagem, isso é uma conquista da luta dessas mulheres.

Segundo Gebara (2001) o feminismo surgiu a partir de movimentos de mulheres da classe média europeia, após a Segunda guerra Mundial e, nos Estados Unidos, a partir da década de 1960. Inicialmente, a reivindicação era o direito ao voto, o que conseqüentemente, traria o reconhecimento enquanto cidadã.

Aqui no Brasil, o feminismo só ganhou força e se estabeleceu a partir dos anos setenta. De acordo com Cestari (2008) os primeiros grupos feministas eram pequenos, com cerca de pessoas, e surgiram no Rio de Janeiro e São Paulo. A partir do reconhecimento, em 1975, do Dia Internacional da Mulher, por parte da ONU, aumentou a pressão coletiva e o número de grupos, associações e outras organizações feministas. No fim da década de oitenta, alguns movimentos populares que, até então, não se assumiam feministas, passaram a fazer parte e contribuíram para que se tornasse um movimento de massas, com forte força política e potencial de transformação social.

Os meios de comunicação, em sua maioria, não abrem espaço para o debate das questões de gênero, como ainda associam a imagem da feminista àquela que queima

⁵ Refere-se a ações ou ideias que privilegiam pessoas de determinado gênero em detrimento das pessoas de outro gênero.



sutiãs e odeia homens, contribuindo conseqüentemente para a rejeição desse termo. Em contrapartida a essa realidade, o movimento feminista encontra no ciberespaço um meio de promover a desmistificação dessa imagem. A partir do momento, que este ambiente possibilita a real interação, conexão e integração social de páginas contrapondo as mensagens que são veiculadas na mídia tradicional para a sociedade.

Embora o movimento sempre tenha se comunicado com o público através de publicações próprias, no ciberespaço ele ganha amplitude. É possível abranger um número maior de pessoas praticamente a custo zero e as informações podem ser atualizadas com maior frequência. As redes sociais possibilitaram a existência de diversos sites, blogs e páginas feministas na internet. As postagens e discussões demonstram que o feminismo constitui hoje um movimento multifacetado, mas ainda com o interesse comum de pôr fim ao modelo de sociedade patriarcal no qual ainda vivemos:

Elas desenvolvem atividades permanentes – grupos de trabalhos, pesquisa, debates, cursos, publicações – e participam de campanhas que levaram milhares de mulheres as ruas por suas reivindicações específicas, dentre as quais se destacam: sexualidade e violência, saúde, ideologia e formação profissional e mercado de trabalho. (BIANCHINI, 2009, p.08)

Nas redes sociais, os usuários se relacionam, instituem também uma forma de sociabilidade a fim de divulgar e formular conhecimento. Segundo Recuero (2009, p.151) “o que constitui e mantém o grupo são as interações, e não o ‘território’. É através delas que os laços são formados e adesados no interior das redes sociais. Os estados de interação podem variar de acordo com a conversação”.

No like⁶, share⁷ e coments⁸ – termos característicos da rede social Facebook –, vê-se como identidades expressivas são constantemente construídas nesse espaço global de ações, reforçando o conceito emergente proposto. O Facebook agrega perfis pessoais, de empresas, marcas, páginas de humor, de serviços, de músicas e artistas. Estas páginas também promovem ideias e levantam bandeiras. Dentre as inúmeras possibilidades de interação nessa rede social, o destaque é para o engajamento de

⁶ É o ato de curtir, seguir, gostar e se identificar com determinada página ou publicação realizada no Facebook.

⁷ Refere-se à função que permite aos utilizadores e visitantes de uma página, blog ou site partilharem com os seus amigos da rede uma informação consultada.

⁸ São os comentários realizados nos conteúdos publicados nas páginas do Facebook.



movimentos feministas nesse âmbito, com o foco na *fan page* Ativismo de Sofá, que será analisado posteriormente.

Blog Ativismo de Sofá como estudo de caso

Desenvolvido e atualizado por seis mulheres (Thaís Campolina, Flávia Simas, Elisa Prando, Natália Mendonça, Paula Mariá e Gizelli Sousa), o Ativismo de Sofá é um blog que utiliza, dentre outras redes, sua página no Facebook como uma extensão de ideias e discussões abordadas acerca do feminismo.

O nome surgiu da expressão “ativismo de sofá” normalmente usado, de forma pejorativa, para classificar quem se dedica a usar a rede para disseminar suas ideologias, fortalecer sua causa ou argumentar a favor dela. Essa forma de ativismo é criticada, normalmente, por aqueles que não acreditam que blogs e marchas podem fazer alguma diferença. Em contrapartida, o blog acredita na internet como um meio democrático para disseminar informação e considera o poder do discurso como essencial para qualquer transformação social.

As postagens que destacamos para análise são: a campanha “Free Pussy Riot”, o apoio à Marcha das Vadias e, como assunto mais discutido nos primeiros meses de 2013, o caso de repúdio ao deputado Marco Feliciano.

Free Pussy Riot

A Pussy Riot é uma banda russa de punk rock feminista que realiza performances extemporâneas⁹ para provocar politicamente o governo russo.

Em março de 2012, a Pussy Riot realizou um concerto sem autorização na Catedral de Cristo Salvador de Moscou, que resultou na condenação de três componentes a dois anos de prisão. O protesto, nesse episódio, foi contra o presidente Putin. No Ativismo de Sofá foram realizadas várias postagens que apoiavam o protesto e condenavam a forma abusiva do poder no Estado russo. A liberdade de expressão, o respeito aos direitos humanos, a laicidade¹⁰ do Estado, a farsa das eleições de Putin foram argumentos também defendidos nos textos. Isso resultou em uma campanha no Facebook, em que a *fan page* solicitou que seus seguidores enviassem sua foto com um cartaz escrito “Free Pussy Riot” em apoio ao grupo. Os participantes também foram

⁹Aquilo que aparece fora do seu tempo; algo ou alguém sem sentido de oportunidade – inoportuno.

¹⁰Característica do que ou de quem é laico. Ideologia, doutrina ou sistema que se baseia no preceito básico de que o poder político e/ou administrativo, geralmente de um país, deva ser exercido pelo Estado e não por igrejas ou ideais religiosos.

convocados a usar essa mesma foto em seus perfis pessoais em solidariedade à banda, conforme demonstra a imagem:



(Imagem 1¹⁰)

Essa campanha aconteceu apenas seis meses após o lançamento do blog e com cinco meses de *fan page*. A interação foi surpreendente, cerca de 60 pessoas, entre homens e mulheres, enviaram sua foto em apoio à causa. Esse conteúdo teve ainda uma média de 250 compartilhamentos, ou seja, pessoas que não participaram ativamente da campanha, mas se identificaram com a causa a ponto de divulgarem o protesto em seu perfil individual.

O destaque para A Marcha das Vadias

Após diversos casos de abuso sexual na Universidade de Toronto, no Canadá, um policial recomendou que “as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas”. No dia 3 de abril de 2011, exatos três meses depois do ocorrido, a primeira Marcha das Vadias levou às ruas 3 mil pessoas que se opõem a qualquer violência contra a mulher. As pessoas se articularam e se aglomeraram, por acreditar que as mulheres, vítimas de estupro, não podem ser responsabilizadas por tamanha incoerência argumentativa de tais policiais. No mesmo ano, o mesmo movimento ocorreu em diversas cidades pelo mundo.

No Brasil, a publicitária Madô Lopez convocou a primeira Marcha das Vadias pela internet, através da rede social Facebook. O movimento aconteceu em São Paulo, no dia 4 de junho de 2011, levando para as ruas cerca de 300 pessoas. No mesmo ano, mais quatro cidades brasileiras participaram do evento. Agora, apenas dois anos depois, a marcha já se organiza através da mesma rede para acontecer em mais de cinquenta municípios brasileiros. Esse é um fator que demonstra a efetividade do ciberativismo dentro do contexto de comunidade virtual enquanto ferramenta de mobilização.

Atualmente, a Marcha das Vadias absorve a luta plural do feminismo, e vai às ruas em protesto não só contra a violência, mas também contra: a intimidação sobre o

corpo feminino, a educação sexista, a sobrecarga de trabalho, a ditadura da beleza e os padrões de comportamento.

Em relação à Marcha das Vadias, a atuação da *fan page* Ativismo de Sofá está mais relacionada à divulgação dos eventos por todo o Brasil, tendo em vista que feministas de diversos estados brasileiros acompanham a página. Em 2013, assim como ocorreu no ano anterior, essa divulgação já começou a ser realizada e alguns eventos até já aconteceram.



(Imagem 2¹¹)

Diferente do que se viu na Campanha “Free Pussy Riot”, a interação com a página em si não é tão perceptível. No entanto, a resposta da divulgação realizada na *fan page* Ativismo de Sofá, como também em outras páginas, pode ser refletida no número de pessoas que responderam aos eventos organizados pela Marcha no Facebook. No caso dos eventos já divulgados somamos até o momento um total de 3.360 pessoas confirmando presença. No entanto, as *fan pages* relacionadas especificamente aos eventos da Marcha das Vadias contam, até então, com cerca de 35.000 *likes* no total.

Feliciano não nos representa

No dia 5 de Março deste ano, o Partido Socialista Cristão (PSC) anunciou a indicação do pastor evangélico Marco Feliciano para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal (CDH). Com a alegação de que o pastor já era conhecido por suas declarações discriminatórias em relação às mulheres, negros e homossexuais, iniciou-se uma verdadeira “bola de neve” provocada a partir da reação e protestos de diversos segmentos da sociedade civil mais a criação de uma frente parlamentar de oposição ao deputado.

No dia 1 de Março, ou seja, antes mesmo de ser consolidada a indicação de Marco Feliciano à CDH, ocorreu a primeira postagem na *fan page* Ativismo de Sofá relacionada ao caso. Tratava-se da divulgação de uma petição que já solicitava a imediata destituição do deputado do cargo.



(Imagem 3¹²)

No dia 6 de Março veio a segunda postagem, compartilhada de outra *fan page* feminista que convocava as pessoas a comparecerem a um ato contra a nomeação do pastor, a acontecer no mesmo dia, em Brasília.

A terceira postagem, também vinda de compartilhamento, aconteceu no dia 9 de Março, já com Marco Feliciano eleito, a portas fechadas, presidente da CDH. Tratava-se da divulgação dos atos de repúdio ao pastor pelo Brasil, mais precisamente, em nove cidades.

Daí em diante veio diversas postagens sobre o assunto, dentre elas: divulgação de atos de repúdio e protestos contra o deputado, links de vídeos e campanhas pedindo #ForaFeliciano ou dizendo #FelicianoNãoMeRepresenta, e artigos escritos ou não pelas integrantes do Ativismo de Sofá.

Análise da efetividade do blog/*fan page*

A *fan page* Ativismo de Sofá discute principalmente a discriminação de gêneros, atingindo também outras dimensões que se referem às lutas por igualdade, liberdade e justiça. Mas, combater a injustiça exige a articulação das lutas pelos direitos humanos em suas variadas dimensões sociais. Nos posts, observamos o debate de temas transversais, relacionando com as faces da exclusão social e a intensa valorização por novos direitos.

Diante de tal contextualização, é possível afirmar que o Ativismo de Sofá expressa uma nova tendência do feminismo com identidade plural, atuante em prol das manifestações públicas. Tal movimento ainda potencializa iniciativas para as transformações sociais, tentando associar experiências coletivas, numa rede social *online*, a fim de promover a troca entre grupos heterogêneos.



O Facebook também assume as características de comunidade virtual. Contudo, o laço social construído na rede não necessariamente institui a interação social de forma mútua, pode ou não ter efeito social, como explica Recuero:

Uma vez adicionado um indivíduo, ele ali permanece independentemente da interação para manter o laço social. Essas redes podem, entretanto, mostrar laços já estabelecidos pelos atores envolvidos em outros espaços, mas não necessariamente através da Internet.” (RECUERO, 2009, p. 98).

Ressaltamos que a visibilidade e a articulação nas redes sociais enriquecem a construção do eu, tanto de suas preferências individuais quanto através da colaboração do coletivo. Desse modo, as formações das redes sociais são a base para entender este novo ambiente de comunicação no ciberespaço, e como se dão as estruturas dessa interconexão.

O que revela a interação e a construção de laços no Facebook é, principalmente, a opção “curtir”. O ato de “curtir” uma página é uma forma de demonstrar identificação com o seu texto e imagens. A partir do sentimento de pertencimento, as pessoas passam a se relacionarem e promoverem trocas comunicacionais através dos compartilhamentos, ou mesmo comentários.

Na página principal da *fan page* Ativismo de Sofá observamos que, até o momento, ela possui 3.198 *likes* e 783 pessoas “falando sobre isso”. Isso demonstra que a relação entre audiência e engajamento não é proporcional (RECUERO, *online*). A quantidade de pessoas que curtem a página representa apenas a audiência em potencial. No entanto, para calcular a audiência real é necessário considerar quantos usuários estão conectados no momento que uma postagem é realizada e quantas pessoas visualizam efetivamente o que foi publicado. No Facebook, existe o algoritmo de visualização que vai determinar quantas das pessoas que curtem a *fan page* vão receber aquela atualização em sua *timeline*¹¹.

Quando discorremos sobre engajamento no Facebook, nos referimos à forma como as pessoas se comportam (valores, ideias e atitudes), e como estão conectadas com a página Ativismo de Sofá. Nesse contexto, acreditamos que são indivíduos que construíram um laço forte e estão de fato, envolvidos e participando da causa defendida

¹¹ Trata-se de uma linha do tempo que traz todas as informações sobre o indivíduo; Foi o visual atribuído ao perfil dos usuários do Facebook no início de 2012.



pela *fan page*. Pois, essa sensação de pertencimento é o que nos conecta com a essência das comunidades virtuais. Segundo Beamish (1995, *online*) uma comunidade caracteriza-se principalmente pelo “sentimento de pertença”. É necessário que as pessoas tenham consciência de que fazem parte daquilo e se sintam responsáveis por ela. Assim, o modo de atuação coletiva não se restringe a exaltação da visibilidade, mas o usuário precisa ultrapassar a posição de mera audiência e se posicionar como construtor de um discurso. Isso acontece a partir dos comentários, debates e compartilhamentos do conteúdo publicado na página.

Considerações Finais

Nesse artigo nos propomos a analisar a *fan page* Ativismo de Sofá tomando como base uma revisão bibliográfica de temas referentes à ciberespaço, ciberativismo, redes sociais, comunidades virtuais e feminismo.

Tais atributos de legitimidade, força e eficácia do ciberativismo feminista são possibilitados pelas relações sociais e políticas travadas online. Desse modo, observamos que a construção dos laços sociais no ciberespaço é o que configura e dá suporte ao termo comunidade virtual (RECUERO, 2009). Havendo mudanças legais ou não, pensamos que as pessoas engajadas na *fan page* Ativismo de Sofá contribuem com o desenvolvimento do movimento feminista dentro e fora do ciberespaço, através do *like*, da interatividade com a página, repassando e compartilhando seu conteúdo.

Referências

- BEAMISH, Anne. **Communities on-line: A Study of Community – Based Computer Networks**. Tese de Mestrado em Planejamento de Cidades. Instituto de Tecnologia de Massachusetts – Estados Unidos, 1995. Disponível em <<http://albertimmit.edu/arch/4.207/anneb/thesis/toc.html>> Acesso em: 20/04/2013.
- BIANCHINI, Alice. **A luta por direitos das mulheres**. Carta Forense. Ed 71. São Paulo: 2009.
- BLOG **ATIVISMO DE SOFÁ**. Disponível em: <<http://ativismodesofa.blogspot.com.br>>. Acesso em 5 mar. 2013.
- CASCAIS, Fernando. **Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media**. São Paulo: Verba, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. **A sociedade em rede**. v. 1. 12ª Ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- CESTARI, Mariana Jafet. **O Movimento feminista e o Movimento de Mulheres na América latina na década de 1970: Brasil e Argentina**. Juiz de Fora, MG: UFJF; ENFF, 2008. (Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Estudos Latinoamericanos).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** V.4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FACEBOOK, **Página Ativismo de Sofá**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Ativismodesofa?fref=ts>> Acesso em 5 mar. 2013.
- GEBARA, Ivone. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo: Cepis, 2001.



- GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.
- GUIMARÃES Jr., Mário J.L. **O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais**. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 9., 1999. Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1999. Disponível em:
<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html> Acesso em 10 mar. 2013.
- IMAGEM 1¹⁰. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.412933395431106.98561.321909387866841&type=3>> Acesso em 21 abr. 2013.
- IMAGEM 2¹¹. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Ativismodesofa/posts/250923318384776>>
e <<https://www.facebook.com/Ativismodesofa/posts/607179289310345>> Acesso em 21 abr. 2013.
- IMAGEM 3¹². Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Ativismodesofa/posts/439810402765200>> Acesso em 21 abr. 2013.
- KAUFMAN, Dora. **A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço**. jun. 2012. *Galaxia*(São Paulo, *Online*), v. 12 n. 23, p. 207-218. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/5336/7580>> Acesso em: 10 mar. 2013.
- LEMOS, André. **Ciberurbe: a cidade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: editora E-Papers, 2005. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=hI9C9UmgSHIC&pg=PA249&dq=ciberativismo&hl=pt-BR&sa=X&ei=IxxHUeyBlom70QGliYCwDg&ved=0CDQQ6AEwAQ#v=onepage&q=ciberativismo&f=false>> Acesso em: 10 mar. 2013.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Ed. Cultrix, 1969.
- RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica**. Disponível em <<http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>> Acesso em: 20/04/2013.
- Engajamento x Audiência no facebook: uma breve discussão**. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/2013/03/engajamento-x-audiencia-no-facebook.html>> Acesso em: 20/04/2013
- _____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SOUZA, Queila. **O Tempo das Redes**. São Paulo: Editora Perpectiva, 2008
- UGARTE, David. **O poder das redes**. Rio Grande do Sul: Editora EDIPUCRS, 2007. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=dt1Hu5Cj5gC&pg=PA77&dq=ciberativismo&hl=pt-BR&sa=X&ei=IxxHUeyBlom70QGliYCwDg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=ciberativismo&f=false>> Acesso em: 10 mar. 2013.
- VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank**. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003.